

## **RIBEIRINHOS REFUGIADOS: Reflexões psicanalíticas sobre vivências de desamparo por perdas territoriais**

REFUGEES RIPARIANS: PSYCHOANALITICS REFLECTIONS ABOUT EXPERIENCES OF HELPLESSING FOR TERRITORIAL LOSSES

Dorivaldo Pantoja Borges Junior <sup>1</sup>

Juliana Miranda Dias <sup>2</sup>

Arina Marques Lebrege <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetiva discutir sobre o sofrimento psíquico vivenciado pelos ribeirinhos atingidos pela construção da barragem de Belo Monte. Para isso, realizou-se a análise documental de “Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia” (2017), documentário dirigido por Eliane Brum. Mediante o destaque de fragmentos, pôde-se identificar que a construção da barragem teve impactos subjetivos devastadores, que culminaram em vivências do desamparo primordial e perdas identitárias. Entretanto, com a oferta de escuta no âmbito do *Projeto Refugiados de Belo Monte - clínica de cuidado*, esse desamparo pôde ser narrado e direcionado a destinos de potência e mudança de posição subjetiva.

**Palavras-chave:** Ribeirinhos Refugiados; Desamparo; Psicanálise.

**Abstract:** This article aims to discuss the psychic suffering experienced by the riparians affected by the construction of the Belo Monte dam. For this, we performed the analysis of fragments of the documentary "Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia" (2017), directed by Eliane Brum. Through the highlight of fragments, it was possible to identify that the construction of the dam had devastating subjective impacts, which culminated in feelings of anguish and identity losses. However, with the offer of listening within the scope of the Belo Monte Refugee project - care clinic, this helplessness had been narrated, and it can be attributed to it a destination of power and subjective change of position.

**Keywords:** Refugees Riparians; Helpless; Psychoanalysis.

### **1. INTRODUÇÃO**

Diante de recorrentes problemas ambientais, preocupações acerca das relações entre pessoas e meio ambiente passaram a compor debates governamentais e de outras

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPa). E-mail: [dorivaldopsi@outlook.com](mailto:dorivaldopsi@outlook.com)

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação (IPOG). E-mail: [julianadias.psique@gmail.com](mailto:julianadias.psique@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPa). E-mail: [arinamlebrege@gmail.com](mailto:arinamlebrege@gmail.com)

instâncias sociais com o objetivo de criar novas estratégias de gestão ambiental e conscientização (CALEGARE, 2010).

Tais questões ganharam uma amplitude maior com o reconhecimento de que problemas ambientais são também fenômenos humanos, já que o meio ambiente é o campo onde o sujeito se localiza para suprir suas necessidades. Essa relação envolve, para além da subsistência, produções culturais, econômicas, religiosas, ancestrais e sociais (FARIAS FILHO, 2016).

Dessa forma, o ambiente passa a ser tomado por território, uma noção mais ampla que envolve relações de poder, dinâmicas culturais e, também, saúde e adoecimento, sendo extremamente importante na investigação a respeito dos aspectos subjetivos da comunidade vivente, no que diz respeito ao acesso à serviços de saúde, modos de vida e entre outros. Ou seja, o ambiente passa a ser visto enquanto ponto de referência na constituição e expressão subjetivas (FARIA, 2009).

Nesse sentido, o presente estudo de caso é fruto da inquietação quanto essa relação entre o sujeito e seu território, sobretudo, quando essa ligação é brutalmente interrompida, partindo da premissa freudiana de que o psíquico e o social não se dissociam (FREUD, 1921/2020). Além disso, indaga-se a respeito das possíveis reverberações desse acontecimento no psiquismo humano.

Para tanto, as reflexões aqui dispostas lançam mão do documentário “Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia” (2017), dirigido por Eliane Brum<sup>4</sup>. A produção audiovisual em questão retrata o sofrimento vivenciado pelos refugiados de Belo Monte frente à construção da barragem no interior da cidade de Altamira, localizada no Oeste do estado do Pará.

O documentário é fruto do registro das experiências dos profissionais que se deslocaram de diversas partes do Brasil para oferecer escuta e visibilidade ao sofrimento que estava sendo vivenciado na região. O material é dividido entre relatos da equipe, relatos dos ribeirinhos e imagens dos locais por onde a equipe passou.

Frente a isso, objetivou-se analisar possíveis repercussões em sofrimento psíquico nos ribeirinhos atingidos pela construção da barragem de Belo Monte. Uma

---

<sup>4</sup>A ficha técnica do documentário é composta por Eliane Brum na direção e, também, no roteiro juntamente a Nani Garcia, quem também é responsável pela edição do material. Câmera e fotografia esteve com Lilo Clareto e, por fim, Arhtur de Faria responsável pela música.

vez que tal empreendimento implicou em remoções de populações que tradicionalmente ocupavam aquela região, tomamos, como ponto de partida, o fenômeno como alteração radical em modos de viver.

O exercício aqui proposto nos convida à retomada da noção de *sociedade* – a partir de Safatle (2018) em *Patologias do social* –, noção que costumeiramente é abordada numa dimensão de processualidade e como um conjunto de normas e valores em contraste aos fatos e realizações práticas que ali performam. Dois problemas podem ser enunciados a partir dessas noções teóricas, em relação ao método e à delimitação do objeto. Se a trajetória consiste em problematizar a sociedade na dualidade entre regras e fatos, pode-se limitar em demasia o objeto de estudo à imanência de uma situação bastante específica. Ademais, para além do par contraditório entre normas expressas e *impressas* sendo compreendidas e evidenciadas, há que se levar em consideração que a crítica pode ser tomada como proposta no palco dos afetos:

Trata-se de partir da compreensão de que a verdadeira base normativa da vida social, seu verdadeiro núcleo de adesão, encontra-se nos afetos que ela faz circular de forma preferencial. Pois, assumida tal perspectiva, poderemos então abrir uma crítica baseada não apenas nas dinâmicas de explicitação de contradições normativas, mas também nos processos de destituição de afetos, tendo em vista a desconstituição de modos hegemônicos de reprodução social (SAFATLE, 2018, p.7).

Há que se considerar que toda sociedade, seja qual for seu sistema, produz sofrimento e possui suas estratégias de gestão destes afetos. Por outro lado, sofrimento não é sinônimo de patologia. Um sofrimento se torna patológico em razão de sua intensidade paralisante e do lugar que ocupa numa dada cultura. Além disso, o surgimento de uma classificação patológica se dá de forma concomitante ao desenvolvimento de valores e de uma terapêutica clínica.

Neste ponto, há que se levar em consideração, de acordo com Safatle (2018, p.9-10), que a distinção de um portador de patologia implica também na construção de uma identidade social bem como de sua performance a ela associada. Assim, a socialização destes indivíduos implica na internalização dos modos de expressão de seus sofrimentos como desvios a partir de um saber médico de época, o que implica numa “*gramática social do sofrimento*”. Uma teoria crítica em atualidade, portanto, pode tomar patologias como modos descritivos de participação social. Neste esforço, uma descrição clínica, por exemplo, para além de buscar o universal em autonomia aos

contextos de uma dada época, pode objetivar “[...] reinscrevê-las no interior do sistema de circulação de valores que compõem as várias esferas da vida social como um sistema de implicação constante”.

Ceccarelli (2005), ao construir uma argumentativa sobre a temática à luz da Psicopatologia fundamental, afirma que sofrimento tem sua base fundamentada na concepção de *Pathos*, que remete a paixão, passividade, o que causa dor. Segundo o autor, a Psicopatologia Fundamental parte do pressuposto da escuta desse sofrimento para fazer surgir um sujeito que transforma seu *Pathos* em experiência.

Ao empreender a investigação da temática utilizando o referido documentário como objeto de análise, uma das discussões possíveis consiste em pensar a escuta do sofrimento como possibilidade de reedição e recriação do meio em que se vive, a partir do sofrimento manifesto pelo povo ribeirinho circunscrito na intervenção realizada pelo projeto Clínica de Cuidado.

Os escritos foram organizados seguindo a ordem: primeiramente, fora realizada a delimitação metodológica do trabalho, onde são detalhados os procedimentos da análise. Posteriormente, realizou-se uma descrição do objeto de análise, suas características e seu processo de criação.

Além disso traçaram-se breves comentários sobre a noção sofrimento psíquico ancorada na noção freudiana de *Desamparo*, sendo divididos em duas etapas: a primeira sob um prisma teórico e, a segunda a partir de uma articulação conceitual entre as proposições apresentadas e dois fragmentos do material audiovisual. Ambos os tópicos foram utilizados visando articular as manifestações do sofrimento psíquico e os seus destinos subjetivos.

Por fim, os aspectos que emergiram das análises foram agrupados e apresentados à nível de considerações finais. Cabe pontuar que não é objetivo deste artigo esgotar a discussão sobre o tema, contribuir para a complexificação e aprofundamento do tema de modo a favorecer proposições teóricas e práticas frente aos fenômenos semelhantes a este.

## **2. UMA BREVE DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO**

Neste tópico, objetivou-se descrever, de forma geral, o processo que compôs a produção do documentário, os profissionais envolvidos, os locais visitados, bem como os pontos de maior destaque no produto final.

“O dispositivo clínico da Psicanálise funciona em uma cultura diferente da qual a criou?”, foi a dúvida que permeou Ilana Katz (2017), uma das psicanalistas envolvidas no projeto. Poderia um arcabouço teórico, que fora criado em uma outra realidade histórica e cultural, contribuir em um contexto totalmente atravessado por diferentes modos de vida comparados aos que a fundaram suas proposições teóricas?

O projeto Clínica de Cuidado<sup>5</sup> fora planejado para ocorrer em duas semanas, sendo composto por atendimentos, supervisões e reuniões com órgãos de autoridade na cidade. A construção da proposta de trabalho foi criada sobre a premissa de promoção de autonomia ao sujeito que seria escutado. Devido à grande complexidade do projeto, este fora chamado por vezes de “ilógico”, contudo, seus resultados foram muito frutíferos.

Sendo assim, a própria pessoa que seria atendida escolheria o lugar que gostaria de ser escutada (no hotel onde os profissionais estavam hospedados ou em outro lugar), ademais vale ressaltar que os atendimentos envolveram a escuta psicológica de crianças, adultos e idosos.

Participaram do projeto, 18 profissionais provenientes de diversos estados brasileiros. Antes da equipe viajar rumo à cidade de Altamira - município paraense - teve de se submeter às aulas de formação e o envio de trabalhos. Sobre as aulas, elas ocorreram na cidade de São Paulo.

Christian Dunker (2016), psicanalista que compunha a equipe, relatou ter sido uma experiência rica e desafiadora empreitar as supervisões no contexto dinâmico em que a equipe estava, onde o setting da escuta ofertada difere do setting tradicional. Segundo ele, não era cabível um estilo que segue agendas, como se adota no setting terapêutico tradicional.

O documentário apresenta tanto a perspectiva da população que sofreu pela perda de seu território, quanto todo o cenário envolto das estratégias de intervenção:

---

<sup>5</sup> O projeto Clínica do Cuidado está descrito no artigo “Clínica do Cuidado nas Margens do Rio Xingu Uma Intervenção Psicanalítica junto à População Ribeirinha atingida por Belo Monte” de Ilana Katz e Christian Dunker. Disponível em: [http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos\\_comunicacao/CLINICADOCUIDADO.pdf](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/CLINICADOCUIDADO.pdf) Acesso: 14 mar. 2021

transferência e contratransferência, luto, entre outros. Além disso, exhibe as reverberações da experiência aos profissionais também, os fazendo indagar quanto seus modos de vida, práticas profissionais e a própria concepção acerca do ocorrido.

### 3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Utilizou-se, como método, o estudo de caso baseado na análise de fragmentos do documentário “Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia” (2017), dirigido por Eliane Brum. Metodologicamente, o estudo de caso é realizado com o intuito de aprofundar reflexões sobre uma situação em específico, seja considerando, como unidade de análise, o estudo de um indivíduo ou coletivo de forma quantitativa ou qualitativa (VENTURA, 2007).

Adotou-se a análise fílmica devido a aproximação histórica que a produção audiovisual tem com a representação de fenômenos subjetivos humanos. Pela semelhança entre o audiovisual e a produção onírica, Rivera (2008, p. 10) afirma que “somos sujeitos cinematográficos”. Dessa forma, percebe-se que a utilização do objeto fílmico na pesquisa qualitativa se mostra oportuna.

Pode-se, além disso, delimitar a análise fílmica como estratégia metodológica que auxilia na indagação de componentes diversos, baseada em eixos de análise previamente estabelecidos, que diferem de acordo com o tema de estudo. Embora seja realizada de forma sistemática, tal metodologia possui aplicabilidade mais ampla (MOMBELLI; TOMAIN, 2014).

O arcabouço teórico utilizado como base tanto na criação dos eixos de análise, quanto nas reflexões a partir do objeto de estudo, foi a teoria psicanalítica freudiana. Nesse caso, levando em conta, a pesquisa em psicanálise em âmbito clínico e cultural, favorecendo novas reflexões de cunho teórico e prático (TAVARES & HASHIMOTO, 2013; PEREIRA, 2019).

Portanto, utilizando o arcabouço psicanalítico, foram elencados como eixos de análise: 1. O desamparo e suas reverberações psicanalíticas; 2. A gestão do desamparo e seus destinos. Ambos foram criados a partir dos escritos de Passos, Neves & Menezes (2018) sobre a temática e empregados na análise do documentário.

Entende-se que a condição de desamparo humano está totalmente ligada à noção de sofrimento psíquico, visto que remete ao Mal-estar na cultura decorrente da

abnegação de moções pulsionais (FREUD, 1930/2020). Portanto, as análises realizadas estão baseadas na aplicação de tais proposições teóricas aos fragmentos do material audiovisual em questão.

#### 4. “FLORESTA EM SILÊNCIO”: AS VIVÊNCIAS DO DESAMPARO

Nesse tópico, pretende-se explicar sobre as facetas do sofrimento psíquico apresentadas no documentário. Para construir uma proposição teórica sobre o sofrimento psíquico, articulou-se à noção freudiana de Desamparo.

Em *O Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), Freud inicia a investigação do processo de funcionamento psíquico por meio do material clínico de pacientes com distúrbios neuro psicóticos, com o intuito de compreender os processos normais desde a constituição do aparato psíquico do bebê, para assim formular uma teoria.

Nesse ponto, Freud utilizava seus conhecimentos como médico neurologista e buscava construir uma psicologia baseada nos parâmetros de cientificidade da época, descrevendo os estados psíquicos a partir de uma lógica quantitativa que denominou como um modelo de economia de força nervosa, essa existiria no interior do corpo do bebê. Quanto a isso, Freud (1895/1950, p. 225) afirma:

Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.) Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da Q endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as exigências da vida.

O bebê humano, nos primeiros anos de vida, é impossibilitado por sua prematuridade orgânica e psíquica de auto prover uma ação específica. Portanto, a ação advém de uma ajuda alheia ao próprio bebê, que presentifica-se na figura de um cuidador experimentado capaz de prover aquilo que a criança necessita. Assim, essa via de descarga possui a essencial função secundária da comunicação e a primeira vivência do desamparo dos sujeitos (FREUD, 1895/1950).

No momento em que o cuidador percebe o estado de urgência do bebê e o ajuda a fazer o trabalho da ação específica no mundo externo, o bebê desamparado fica em posição através de dispositivos reflexos de efetivar no interior de seu corpo a atividade necessária para retirar o estímulo somático. A cena descrita demonstra o que é registrado na criança como a experiência de satisfação, que reverbera de forma drástica no desenvolvimento das funções do indivíduo (FREUD, 1895/1950).

A cena registrada psiquicamente pelo bebê em virtude da prazerosa experiência de satisfação tende a ser rememorada quando surge o estado de urgência ou desejo como uma alucinação. Ao tentar repetir a ação reflexa e o cuidador não está presente ou está indisponível para ajudá-lo, a consequência inevitável é o desapontamento, isto é, o desprazer (FREUD, 1895/1950).

Freud (1914) coloca como necessária a suposição de que uma unidade comparável com o Eu não existe a priori, mas que precisa ser desenvolvida dada sua complexidade. Nesse contexto, o narcisismo surge como uma ação de retirada da energia libidinal do objeto que retorna para o Eu, quanto mais se investe em um, mais empobrece a outro e vice e versa. O narcisismo, então, teria uma função protetora do eu contra o adoecimento, mas para não adoecer seria necessário começar a amar, Freud já aponta que é inevitável não adoecer, quando por uma frustração, não se pode amar (FREUD, 1914).

Freud (1914), aponta também que uma via de acesso para o estudo do narcisismo constitui a vida amorosa dos seres humanos. Assim, pode-se notar que na escolha de objeto pelas crianças inicialmente ela toma seus objetos sexuais de suas vivências de satisfação. As primeiras experiências de satisfação autoeróticas acontecem ligada com as funções vitais de autoconservação. As pulsões sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, mas para isso o apoio também precisa vir do mundo externo.

No texto *As pulsões e seus destinos* (1915/2017), Freud concebe o conceito de pulsão desvelando seu caráter múltiplo, o estímulo pulsional não tem origem exterior ao organismo e sim de seu interior, desse modo, a pulsão confere um estímulo constante para o próprio psiquismo e atua sobre a vida anímica do ser humano. O estímulo pulsional pode ser entendido como necessidade que visa a satisfação, que só poderá ser alcançada pela modificação adequada da fonte interna de estímulos. Logo, o sujeito



deverá empregar os mais diversos artificios (externos ou internos) para manter a tensão mais baixa possível, mas não conseguirá cessá-la por inteiro, pois essa cessaria a própria vida psíquica.

Segundo Ceccarelli (2009), a história da humanidade aponta a dificuldade em buscar meios de apaziguar o desamparo constitucional, que não é vivenciado apenas na infância com a dependência primordial do cuidador. Mas também a partir da dinâmica pulsional, que gera diferentes demandas como: amor, afeto, reconhecimento, palavra e linguagem. Essa nova modalidade de dependência psíquica possui diversos caminhos para os quais serão necessários investimentos, capazes de gerar a ilusão necessária de conforto e acolhimentos diante do desamparo psíquico.

Freud (1927/2020) ressalta que quanto menos uma pessoa sabe a respeito do passado e do presente, mais inseguro será o seu juízo sobre o futuro. Nesse sentido, a cultura e a civilização possuem um papel fundamental, pois nelas contém todo o saber e a capacidade que os seres humanos adquiriram de dominar os recursos e acontecimentos ligados à natureza e como retirar dela seus bens, responsáveis pela satisfação das necessidades humanas, juntamente com os dispositivos regulatórios inventados pelos humanos para gerir as relações entre si próprios.

Em razão disso, o autor argumenta sobre a necessidade de proteção da cultura/civilização, não somente visando uma certa repartição de bens, mas principalmente para mantê-la em continuidade, visto que, a criação humana pode sofrer seu reverso, a aniquilação por aqueles que a constituem (FREUD, 1927/2020).

Freud (1927/2020) pontua que, ao mesmo tempo que a humanidade foi capaz de progredir em relação a dominação da natureza, não podemos crer que há seguridade quanto aos assuntos humanos, pois todos os seres humanos carregam tendências antissociais e anticulturais, em virtude da coação e a renúncia pulsional necessária para criação de uma cultura.

Entretanto, a natureza não se encontra toda dominada, suas forças podem ser cruéis e inexoráveis para os humanos, desvelando a fragilidade e o desamparo ao qual a civilização está submetida. Em contrapartida, a cultura confere a seus membros um valioso presente com ideias, representações culturais, como por exemplo a religião, que são tidas como verdadeiro patrimônio da humanidade.

Assim, a cultura oferece ao indivíduo meios pelos quais poderá extrair da terra os seus tesouros e fornece conhecimentos prévios de como prover a própria alimentação ou como se prevenir de determinadas doenças e entre outras (FREUD, 1927/2020). Freud (1927/2020) assinala “as pessoas pensam não poder tolerar a vida se não atribuem a essas representações o valor que elas reivindicam”.

Os movimentos de criação humanos possuem uma finalidade: contrapor o desamparo, na tentativa de tamponá-lo, por exemplo, através de deuses ou pelo próprio processo civilizatório, em ambos os casos, objetivando proteger-se de sofrimento (Freud, 1930/2020). Em seu texto *O Mal-estar na Cultura* (1930/2020), Freud elenca três fontes do sofrimento humano, estes que os sujeitos buscam incansavelmente evitar. O Autor afirma:

[...] Já demos a resposta quando mencionamos as três fontes de onde vem o nosso sofrimento: o poder superior da natureza, a fragilidade de nosso próprio corpo e a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade. No que diz respeito às duas primeiras, nosso julgamento não pode oscilar por muito tempo; ele nos obriga ao reconhecimento dessas fontes do sofrimento e a nos entregarmos ao inevitável. Nunca dominaremos a natureza completamente; nosso organismo, ele próprio parte dessa natureza, será sempre uma formação passageira, limitada quanto à adaptação e a realização (Freud, 1930/2020, p. 332-333).

A partir das afirmações freudianas, pode-se perceber que o sujeito busca, a todo momento, saídas para enfrentar os perigos que a natureza apresenta, embora, estes não possam ser totalmente eliminados. Ou seja, os perigos apresentados regulam os modos humanos de vida e obtenção de prazer. Nesse sentido, a criação dessas estratégias, onde é incluído o próprio laço social, são movimentos para controlar o estado “insuportável” do desamparo humano (CECCARELLI, 2009).

Como mencionado anteriormente, a temática aqui central divide opiniões entre psicanalistas. Costa (2017) afirma que, dentre toda a obra freudiana, não há um texto específico para conceituar o que seria chamado de Desamparo (*Hilflosigkeit*), embora a autora também evidencie que a noção atravessa a obra freudiana desde textos pré-psicanalíticos.

No decorrer da obra freudiana, mesmo sem maiores sistematizações, a noção de Desamparo alcança outros sentidos. Se, no início dos escritos freudianos, esta tinha um caráter mais objetivo relacionado à insuficiência de um organismo biológico, a

posteriori, ganha uma noção mais ampla, da literal falta de condições à existência Humana. Quagulia (2006, p. 7), ao discorrer sobre esse percurso, afirma:

A *Hilflosigkeit* transita em Freud dando um sentido trágico à experiência humana. Na fragilidade do bebê diante de sua incapacidade para sobreviver por seus próprios meios, na angústia diante da separação de um objeto de amor, no medo da finitude da vida, na fragilidade do corpo, na força da natureza, no mal-estar na civilização e nas ilusões de proteção, a *Hilflosigkeit* apresenta um movimento crescente, uma marca trágica na obra de Freud. Por fim, chega-se ao desenlace: a *Hilflosigkeit* aponta para a falta absoluta de solução para a condição humana diante de sua fragilidade, para o lugar do vazio da significação do próprio ser e de sua existência.

Como mostrado, a noção de desamparo, que funda e nos constitui enquanto sujeitos, é ampla e atravessa a obra freudiana em diversos pontos. Sua noção evolui no decorrer dos escritos, sobretudo, como afirma (COSTA, 2017), nos textos que abordam a temática cultural. Exemplos de tais textos são *O Futuro de uma ilusão* (1927/2020) e *O Mal-estar na cultura* (1930/2020).

Quanto ao segundo, Menezes (2012 p. 104) expressa: “A *Hilflosigkeit* de Freud, dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana: a condição de existência do sujeito no mundo (civilização) é apoiada no numa condição de desamparo do psiquismo”. Ou seja, existir é defrontar-se diariamente com o seu desamparo.

De acordo com Levy e Ceccarelli (2020), diante de situações de desastres os indivíduos afetados passam por um processo de despersonalização e tendem a ser generalizados como um coletivo –desabrigados, comunidade atingida, pilha de mortos, e entre outros, perdendo aquilo que confere o senso de identidade como o próprio nome e passam a ser quantificados em estatísticas.

Além disso, a angústia, o trauma e a dor da perda de pessoas significativas, do território o qual habitam e da saúde física ou psíquica são marcas que expõem o sujeito ao mais primitivo sentimento de desamparo. Há uma perda de referencial, de privações e lutos que acarretam o sofrimento psíquico (LEVY; CECCARELLI, 2020).

Ao analisar os relatos do documentário, nota-se manifesto este sentimento em falas do tipo “ninguém nunca me escutou desse jeito!”. Os ribeirinhos foram indenizados e remanejados para outros lugares (casas muradas e com grades), entretanto, foi presente, nos relatos, a dificuldade de adaptação: “eu me criei andando”.

Além disso, outro termo apresentado durante as falas é o de “floresta em silêncio”, que acabou intitulado este tópico. O termo apareceu no momento em que os

profissionais foram ao encontro da construção da barragem. Durante isso, os profissionais relataram que, conforme os ribeirinhos se aproximavam da barragem, seus corpos tensionavam, bem como sentiam a floresta silenciosa.

Nesse sentido, identifica-se o teor de desproteção que compõe tais fragmentos. Estar à margem do outro ou, até mesmo, de desesperança. No conteúdo destes discursos predominou certa vulnerabilidade escancarada a partir da construção da barragem, motivo causador de demasiada angústia e sofrimento à comunidade.

As vivências apresentadas no documentário remetem à dimensão trágica da existência, a rememoração de uma condição arcaica do desenvolvimento que, embora escancare a fragilidade primordial do sujeito, também possibilita, através da Gestão do Desamparo, destinos criativos à falta constituinte nos sujeitos.

## **5. “A ÁGUA LIMPOU, MAS LEVOU TEMPO”: O SOFRIMENTO PSÍQUICO E A GESTÃO DO DESAMPARO**

Nesse tópico, a abordagem da noção de Gestão do Desamparo será mediante a exemplificação de fragmentos de um atendimento relatado no documentário, em comparação a um relato apresentado no início do material. Tal intervenção fora realizada por Flávia Ribeiro (2017), psicóloga do projeto Clínica de Cuidado, durante a visita à uma família da comunidade. Na casa, estavam um número considerável de pessoas, sobretudo crianças.

Depois de falar com a mãe, Flávia Ribeiro (2017) solicitou ver as crianças. Ao chegar no quarto onde elas estavam, lhes convidou a desenhar. Em um primeiro momento, não obteve resposta, entretanto, posterior a isso, as crianças a convidaram para brincar. Nesse momento, Flávia Ribeiro (2017) relata que a histórias apareceram a partir dos desenhos (exibidos no vídeo através de fotografias). Foram recorrentes as aparições de desenhos de casas, rios, ilhas e entre outros.

Uma das crianças contou que seu desenho contava a história de um peixe que foi caçado, mas este não desistiu. Depois desse momento, Flávia Ribeiro (2017) retornou em outro encontro com as crianças, propondo um outro jogo, o de contar histórias.

Eu falei assim: “Eu vou lançar uma história, o iniciozinho de uma história e vocês vão continuar. E a história é a história de um grande rio que tinha uma família de peixes e, nesse rio, tinha uma ilha. E daí, uma das crianças fala: “E, nessa ilha, tinha uma família de tartarugas”. E daí, eles começam a contar a história da tartaruga. Os peixes morreram porque a água ficou suja. Mas como essa água ficou suja? Começou a cair um monte de folha das árvores e

essas folhas apodreceram dentro da água e formaram um lodo e esse lodo matou os peixes. E a família de tartarugas? A família de tartarugas também morreu porque tinha que beber água porque não dá pra viver sem a água.

Flávia Ribeiro (2017) conta que o desfecho do atendimento foi a partir de um movimento de ressignificação, de mudança de posição subjetiva. De acordo com a história criada pelas crianças, a família de tartarugas, antes de morrer, deixou ovos enterrados na areia da praia, que eclodiram com os nascimentos de filhotes. Entretanto, o tempo necessário para esse nascimento fora o tempo da água limpar. A água, essencial para a vida: “limpou, mas levou tempo”.

Dentre os fragmentos supracitados, podemos destacar a maneira como as crianças não foram excluídas do processo vivido na comunidade. Os desenhos apresentados no documentário indicam isso: casas desenhadas, peixes no rio, ilhas. Tal como mencionado no tópico anterior, sobre o fator representativo que o território exerce para os ribeirinhos, as crianças também se reconhecem e se comunicam a partir desse contexto, mesmo que através dos materiais lúdicos.

O fragmento apresenta como a oportunidade de falar sobre o ocorrido viabilizou a gestão do estado de desamparo a destinos mais criativos (BIRMAN, 2017). Através do lúdico, fora possível - mesmo que em situação insalubre – simbolizar o processo de perda identitária, que pode ser desorganizador e até traumático: as perdas mitológicas (CECCARELLI, 2007).

A *Gestão do Desamparo* é entendida como o conjunto de estratégias que o sujeito vai empreender para lidar com os sentimentos de angústias provenientes da condição de desamparo (MENEZES, 2005). Essa questão também remete aos destinos dados ao Mal-estar proveniente dessa condição.

A construção da barragem e, por conseguinte, a perda do território pode ter arremessado os sujeitos aos estados de desamparo, gerando angústia devido às perdas identitárias, o que só pôde ser contornado pela via da fala, quando os refugiados puderam ser sujeitos nesse processo.

Trazendo à cena outra situação, no intuito de comparação, o relato de João Pereira (2017), que iniciou o documentário, possui um teor diferente com os fragmentos destacados anteriormente. João Pereira (2017), depois de ter por solicitada a saída de sua casa, decidiu ficar junto de sua família no local e enfrentar a destruição. Este afirma:

E o medo travou tudo porque, minha senhora, não é fácil ter tanto da raiva que travava o corpo. [...] senhora, é doído... é doído você construir tudo pra na hora da velhice você dizer assim: “Não, eu tô sossegado porque tenho uma casa, eu e minha família toda estruturada, isso e aquilo”. E você abrir mão assim [...] daqui pra frente, eu só vejo escuridão na minha vista, eu não vejo mais aquele mundo limpo, eu só vejo escuridão na minha vista.

João Pereira (2017) teve por embargada sua voz e suas pernas ao encontrar com o preposto da empresa ligada à construção da hidrelétrica. Ao saber que sua casa seria incendiada, este resolveu ficar no local junto de sua família, porém sua esposa o impediu. Ou seja, com a justificativa de protestar publicamente sobre o que iria acontecer, os sujeitos pretendiam se suicidar

Nesse sentido, utiliza-se a diferenciação dos tipos de gestão do desamparo dada por Menezes (2012): 1. Destinos criativos a partir da sua aceitação; 2. Destinos funestos mediante o seu evitamento. O conteúdo dos discursos apresentados aponta para os fortes sofrimentos profundos que acometeram os sujeitos, contudo, experienciados de maneiras distintas.

Na primeira situação, as crianças, através do desenho, puderam realizar movimentos de simbolização, representação e elaboração do luto, o que viabilizou prospecções de ligações futuras. Na segunda, as ações frente à perda do objeto amado - a casa - ocasionou movimentos de total dissolução de ligações com o laço social. Sendo assim, para lidar com a angústia da perda, a solução é ir junto com objeto perdido.

Ressalta-se que, embora o segundo fragmento seja visto sob a perspectiva de destinos funestos dada por Menezes (2012), é necessário pontuar que o intuito do sujeito em se suicidar fora motivado por um sentimento de protesto. O sujeito afirmava que um sacrifício poderia sensibilizar as gerações futuras. Ou seja, há tentativas de ligações junto aos movimentos de rompimento com o laço social, o que amplia os conteúdos outros que compõe tal posicionamento.

Identifica-se que abordar a temática do desamparo, além de tratar sobre a temática da fundação subjetiva do sujeito, atravessa tópicos tais quais as perdas mitológicas, o luto, a angústia e, de forma geral, o sofrimento psíquico, o que amplia vastas possibilidades de discussão. Todos os quatro pontos, embora tenham suas especificidades, confluem na dimensão trágica que a *Hilflosigkeit* possui (QUAGLIA, 2006).

Perdas mitológicas<sup>6</sup>, conceituadas por Ceccarelli (2012), se referem à destituição dos mitos sociais e individuais, das palavras fundadoras de identidade, do capital fantasmático que aponta para as origens desses sujeitos, bem como suas prerrogativas de reconhecimento. Os ribeirinhos se reconheciam a partir do seu território e, tendo este por usurpado abruptamente, houve uma quebra nos componentes mitológicos de tais comunidades.

Tais perdas remetem a um outro tema transversal muito presente no documentário: o processo de luto. Freud (1917/2018, p.) ao realizar a diferenciação teórica entre luto e melancolia, afirma que o primeiro se trata da “reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa o seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”. De maneira geral, percebe-se que o luto corresponde ao processo de quebra de um vínculo, o que acarretou em intensa angústia.

Quanto a angústia, o que Freud (1926/2014) conceitua como afeto destituído de representação, que remonta uma sensação de perigo relacionada ao estado de desamparo material e psíquico, contudo, sem um objeto conhecido. Além disso, por se tratar de um sinal que compõem grande teor subjetivo, a angústia é um afeto norteador da clínica psicanalítica já que, mediante ele, “pode advir um sujeito”. (PECK VASCONCELOS, 2019, p. 32).

Nesse sentido, a floresta (que estava em silêncio), o rio (que fora barrado), os peixes (que morreram), as casas (que foram queimadas), tudo o que fora impactado com a construção da barragem ocupou posições na rede simbólica daqueles sujeitos, visto que eram dispositivos de reconhecimento. Portanto, uma vez que o fato da construção de uma barragem se estabeleceu, as pessoas nas redondezas tiveram suas vidas mudadas abruptamente, impactando suas subjetividades.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo, ao lançar mão do documentário “Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia” (2017), dirigido por Eliane Brum, pretendeu refletir sobre as manifestações do sofrimento psíquico vivenciado pelos ribeirinhos mostrados no

---

<sup>6</sup> Conforme descrito por Azevedo (2004), o mito comporta, em sua essência, o apontamento a respeito da origem de algo, a origem que o discurso científico não consegue contemplar totalmente. Dessa forma, o mito atravessa o processo de constituição subjetiva dos sujeitos que compõem uma determinada cultura. O mito desperta e mobiliza sensações no humano, remetendo a um saber que não se sabe. Portanto, remete ao que nos é mais desconhecido: o inconsciente.

audiovisual. A análise descrita neste texto não pretende esgotar as possibilidades de reflexão sobre o documentário, pelo contrário, o conteúdo presente no material é rico tanto para pensar os ribeirinhos participantes do documentário e seus fenômenos subjetivos, quanto os profissionais e suas experiências frente a novas demandas e possibilidades de intervenção.

A partir da análise de fragmentos do documentário, pôde-se observar que a vivência dos sentimentos de desamparo – e, por conseguinte, angústia, perdas mitológicas e luto - podem ser paralisadoras. O ocorrido em Belo Monte escancarou as vivências mais primitivas nos sujeitos que lá habitavam, gerando perdas de referenciais de origem, já que os ribeirinhos se reconheciam a partir da fauna e flora locais. Nesse sentido, pode-se afirmar que, para além do rio barrado e das casas destruídas, os sujeitos também tiveram por deslegitimadas as suas subjetividades.

Entretanto, quando a oportunidade de escuta foi oferecida, a fala viabilizou a simbolização e ressignificação dos acontecimentos externos e internos (gestão do desamparo). A linguagem também oportunizou novos destinos às circulações pulsionais outrora prejudicadas: “*A água limpou, mas levou tempo*”. A organização do discurso abriu portas à emergência dos ribeirinhos enquanto sujeitos naquela cena, não mais como objetos.

Dessa forma, contribuindo à pergunta da psicanalista participante do documentário, mencionada no tópico de descrição do material, a psicanálise alcança os contextos onde há sofrimento e padecimento psíquicos, contribuindo para que esses sujeitos falem a partir dos seus desejos, e se impliquem nos processos que os circunda.

Nesse contexto, a floresta que fora silenciada e o rio que fora barrado voltaram, respectivamente, a falar e a fluir, corroborando com a conduta proposta pela Psicopatologia Fundamental que pretende transformar o *Pathos* em experiência e aprender com o que ele pode ensinar.

Sendo assim, os autores acreditam que a psicanálise pode ser inserida em contextos sociais outros. Pensar psicanaliticamente o contexto amazônico e seus aspectos culturais estruturantes é expandir possibilidades de embasamento às políticas públicas futuras e ao atendimento de sujeitos com seus diferentes modos de vida, ao lançar mão de uma das prerrogativas psicanalíticas: a escuta do sofrimento e do desejo humano e a aposta no sujeito.



Posto isto, abre-se a necessidade da continuidade de pesquisas em psicanálise sobre os fenômenos culturais amazônicos e as expressões do sofrimento psíquico local, sobretudo, quanto aos processos de perda identitárias e os sentimentos de angústia envolvidos nesse cenário. Tais aspectos emergiram durante as análises, porém solicitam maior aprofundamento em produções posteriores.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. V. (2004). Mito e Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- BIRMAN, J. (2017). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BRUM, E. (Direção). (2016). *Eu + 1: uma jornada de saúde mental na Amazônia* [Internet].
- CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguiar. **Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CECCARELLI, P. R. (2009). Laço Social: uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso*, 31(58), 33-41. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-7395200900020004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-7395200900020004&lng=pt&nrm=iso). Acesso 08 mar. 2021.
- CECCARELLI, P. R. (2007). Mitologia e processos identificatórios. **Tempo psicanalítico**, v. 39, n. 1, p. 179-199. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-491399> Acesso: 08 mar. 2021.
- CECCARELLI, P. (2005). O Sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em estudo*, 10(3), 471-477. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/FmK5qrc9BB5ZksDdRKFK6pj/?lang=pt>. Acesso: 08 mar. 2021.
- FARIA, R. M.; BORTOLOZZI, A. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da Geografia da Saúde no Brasil. *Geo Uerj*, 2(18), 24-42. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11995/10663>. Acesso: 08 mar. 2021.
- FARIAS FILHO, D. V. (2016). As comunidades tradicionais, sua importância na conservação do manguezal do município de São João da Ponta – PA. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, UFPA, Belém, PA.
- FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1895]/1980). In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas – (ESB). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo (1914/2010). In: FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926/2014). In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

FREUD, S. As Pulsões e seus Destinos (1915/2019). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917 [1915] /2018). In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. (pp. 99-122) Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927/ 2020). In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade, Religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 233-298). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930/ 2020). In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade, Religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 305-410). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, S. Psicologia das Massas e análise do Eu (1921/ 2020). In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade, Religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 137-232). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

COSTA, J. S. L. (2017). Feminilidade e Desamparo: uma leitura psicanalítica da personagem Macabéa, do romance “A Hora da Estrela”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFPA. Belém, PA.

LEVY, E; CECCARELLI, P. (2020). Considerações sobre Desamparo, Angústia e Trauma: a tragédia em Brumadinho. In: LINGUORI, C; LEVY, D (Org.). Brumadinho: da ciência à realidade. São Paulo: LiberArs.

MENEZES, L. S. (2012). Desamparo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MENEZES, L. S. (2005). Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora*, 8(2), 193-202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/56LctrcPHr4P7dbgWxVwbVD/abstract/?lang=pt>. Acesso: 08 mar. 2021.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. D. S. (2015). Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina*, 8(2), 1 – 7. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso: 08 mar. 2021.

PASSOS, C. F.; NEVES, A. S.; MENEZES; L. S. (2018). Prolegômenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(3), 525-544. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KkbNGcx4VqJkrRDRP7wdBbD/abstract/?lang=pt>. Acesso 08 mar. 2021.

PECK VASCONCELOS A. C. P.; PENA, B. F. (2019). Angústia: o afeto que não engana. *Reverso*, v. 41, n. 78, p. 27 – 33. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-7395201900020003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-7395201900020003&lng=pt&nrm=iso). Acesso: 08 mar. 2021.

PEREIRA, M. A. (2019). Pesquisa em psicanálise sobre fenômenos socioculturais: considerações metodológicas a partir da psicologia das massas freudiana. *Psicologia & Saberes*, 8(13), 4-16. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1092>. Acesso: 08 mar. 2021.

QUAGLIA, G. A. Dimensão trágica da Hilflosigkeit em Freud. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, UNB, Brasília, DF.

RIVERA, T. (2008). Cinema, imagem e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

SAFATLE, Vladimir. *Introdução – Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social*. In: SAFATLE, V; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-34.

TAVARES, L. A. T.; HASHIMOTO, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1983-8220201300020002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-8220201300020002&lng=pt&nrm=iso). Acesso 08 mar. 2021.

VENTURA, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, 20(5), 383-386. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-485754>. Acesso: 08 mar. 2021.